



FATOR ANTHROPO-DEMONÍACO: UM DESDOBRAMENTO MUNDANO DA CONTRIBUIÇÃO DE FREYTAG PARA O ESTUDO DAS RELIGIÕES

*(Anthropo-Demonic Factor: a Worldly Deployment of
Freitag's Contribution to the Study of Religions)*

Carlos Eduardo Bernardo

Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

E-mail: thanatosbernardo@usp.br

RESUMO

O presente artigo consiste em uma breve reflexão sobre a prática do mal no interior de religiões que pregam o bem. Trata-se de um questionamento sobre o que leva pessoas, inclusive líderes espirituais, a praticarem atos vis, abusos psicológicos e físicos contra membros de suas famílias, comunidades e outras pessoas que procuram, na religião, o consolo, a força e a esperança para continuarem a viver. Este escrito pretende também contribuir como um esboço de uma “teoria da vontade” aplicada à fenomenologia da vida religiosa. É uma inquirição acerca da pertinência da religião quando essa parece perder, em nossos dias, a sua capacidade transformadora ou se tornar impotente diante dos mais baixos instintos humanos. Esta reflexão busca correlacionar uma abordagem originalmente teológica com um problema ético. Entretanto, ambiciona fazer esse exercício de pensamento sem desligar, em absoluto, as raízes originárias do campo metafísico. Por fim, intenta olhar a partir de uma perspectiva da filosofia antropológica, portanto confessadamente “mundana” e limitada, para um problema que, em primeira instância, parece interessar principalmente aos teólogos e religiosos, mas que, por envolver uma esfera da vida que, de certo modo, abarca toda a humanidade, suscita a reflexão em todo aquele que se reconhece ligado com a humanidade, inclusive no sofrimento.

Palavras-chave: religião; espiritualidade; maldade; demoníaco; abuso; devoção; Deus

ABSTRACT

The present article consists of a brief reflection on the practice of evil within religions that preach the good. It is a questioning about what drives people, including spiritual leaders, to practice vile acts, psychological and physical abuse against members of their families, communities, and others seeking religion, the solace, strength and hope to continue living. This written also intends to contribute as a sketch of a “theory of the will” applied to the phenomenology of the religious life. It is an inquiry into the pertinence of religion when it seems to lose its transformative capacity in our day or to become impotent before the lowest human instincts. This reflection seeks to correlate an originally theological approach with an ethical problem. However, it aims to do this exercise of thought without disconnecting at all the roots originating in the metaphysical field. Finally, he tries to look from a perspective of anthropological philosophy, therefore confessedly “mundane” and limited, to a problem which at first seems mainly to concern theologians and religious, but rather to involve a sphere of life that in a way encompasses all mankind, inspires reflection in everyone who recognizes himself connected with humanity, including in suffering.

Keywords: religion; spirituality; evil; demonic; abuse; devotion; God



INTRODUÇÃO

No mês de dezembro de 2018, todos fomos impactados com as denúncias feitas contra o médium goiano João de Deus (76). São mais de quinhentos casos, sendo já confirmados cerca de oitenta e cinco. Tudo indica que ele tenha abusado sexualmente de várias mulheres, inclusive crianças, ao longo de, pelo menos, trinta anos. A gravidade do caso e a violência cometida contra essas mulheres causam horror a todos os que tomam conhecimento das histórias de dor, vergonha e sofrimento das vítimas¹. O médium se aproveitava de sua posição e autoridade espiritual para subjugar-las. Dessa forma, o uso de sua investidura espiritual junto ao abuso de vítimas fragilizadas que procuravam nele ajuda, curas e conforto espiritual torna os atos desse homem ainda mais abjetos.

No dia 31 de setembro de 2018, em Detroit (EUA), a cerimônia fúnebre da cantora Aretha Franklin era transmitida ao vivo para milhões de pessoas em todo o mundo. Após prestar homenagem à diva da *soul-music*, a cantora Ariana Grande (25) sofreu assédio diante das câmeras que transmitiam o evento. O pastor Charles Ellis III (60), da Greater Grace Temple, Detroit, segurou-a pela cintura, num gesto de intimidade não consentida, e correu suas mãos, apalpando os seios da jovem. Ainda na mesma cerimônia, dirigiu-lhe comentários machistas, xenófobos e maliciosos².

Em São Paulo, o guru espiritual Sri Prem Baba (55) é denunciado por cerca de trinta pessoas. Elas relatam abusos sexuais cometidos por ele contra discípulas de sua comunidade. De acordo com as próprias vítimas, ele afirmava tratar-se de exercícios tântricos³, porém as práticas logo evoluíam para relações sexuais⁴.

Doze pessoas, em dez países diferentes, entregaram ao Dalai Lama uma carta denúncia de abusos sexuais praticados por monges e leigos, sobretudo no interior de mosteiros⁵. Por outro lado, na China, o monge Shi Xuecheng (56) enfrenta processos por abusar sexualmente de várias monjas⁶. Em se tratando de crimes sexuais cometidos por líderes religiosos, há anos a Igreja Católica Romana tem sido denunciada e muitos sacerdotes respondem a processos por

¹ EXAME. Mulheres Acusam Médium João de Deus de Abuso Sexual. Disponível em: <<https://exame.abril.co.br/mulheres-acusam-medi-joao-de-deus-de-abuso-sexual/>>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2018.

² O ESTADO DE SÃO PAULO. Ariana Grande é Apalpada por Pastor Durante o Funeral de Aretha Franklin. Disponível em: <<https://emai.estadao.com.br/noticias/gente,ariana-grande-e-apalapada-por-pastor-durante-funearl-de-aretha-franklin.70002482600>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2018.

³ *Tântrico* deriva de Tantra (sânscrito, significa “tecido”): “Manual que ensina uma doutrina. No sentido restrito, obra que representa certas doutrinas esotéricas do hinduísmo e do budismo compreendendo em geral práticas ou alusões sexuais”. (ELIADE, Mircea; COULIANO, I. Petru. *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.336).

⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. Discípulos Acusam Guru Espiritual Prem Baba de Abusar de Mulheres. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/discipulos-acusam-guru-espiritual-prem-baba-de-abusar-de-mulheres.shtml>>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2018.

⁵ CAVALCANTE, Isabella. Movimento #MeTooGuruDenuncia Abuso de Monges e Mestres Budistas. Disponível em: <<https://www.metropoes.com/vida-e-estilo/comportamento/movimento-metoooguru-denuncia-abusos-de-monges-e-mestresbudistas>>. Acesso em 22 de Dezembro.

⁶ VEJA. Influente Monge Budista Chinês é Acusado de Abuso Sexual: Shi Xuecheng Teria Coagido Monjas a Terem Relações Sexuais Com Ele; Por Meio de Mensagens de Texto, Como Aprendizado de Técnica de ‘Purificação’. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/influente-monge-budista-chines-e-acusado-de-abuso-sexual/>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2018.



abuso de freiras e crianças. O filme *Spotlight* (2015)⁷, dirigido por Tom McCarthy (52), um drama baseado em fatos reais e que apresenta a investigação feita por uma equipe de seletos jornalistas do “The Boston Globe” na apuração de casos de pedofilia e abusos sexuais cometidos por padres da Igreja Católica em 2003, apresenta de forma muito didática como o poder e a burocracia da Igreja podem ser usados para encobrir a violência que se pratica em muitas de suas instituições.

Todos esses casos nos causam indignação e despertam nossa atenção para um problema sobre o qual, normalmente, não refletimos: se a religião tem objetivos elevados, por que vemos, em seu meio, os mais atos vis praticados contra as pessoas? Por que, na maioria das vezes, a violência é praticada por pessoas (de acordo com os registros, majoritariamente pessoas do sexo masculino) que detêm autoridade e poder no interior da religião?

Caminhos e Descaminhos: Reflexão Sobre a Violência Imposta na Vida Religiosa

Naturalmente, encontramos nas religiões atitudes de devoção que expressam abnegação e autossacrifício, como uma senhora que sobe de joelhos as escadarias com trezentos e oitenta e dois degraus, que conduzem ao interior do santuário da Igreja de Nossa Senhora da Penha (RJ). Ela o fez porque prometera à santa. Noutro lugar, uma comerciante endividada doa à Igreja Universal do Reino de Deus todos os seus bens por estar convencida de que esse sacrifício é a receita para superar a crise. Atitudes como essas, embora pareçam espantosas para observadores externos, não se assemelham aos exemplos nefandos apresentados nos primeiros parágrafos e nem devem ser julgadas precipitadamente como abusivas. Afinal, as pessoas submetem-se a duras condições, peregrinações, jejuns, além de práticas de ascese e mortificação, demonstrando a genuinidade de suas necessidades. Essas Necessidades envolvem um duplo aspecto material e espiritual.

Embora saibamos que religião seja uma construção humana, o núcleo aglutinador das forças que dão origem à religião, ou seja, a fonte do próprio sentimento religioso está fora desta categoria. *Rudolf Otto* denominou o núcleo das experiências religiosas como “o Numinoso” (do latim *numen*, “deus”), uma realidade “além”, que se manifesta no “aquém” e que, ao afetar o ser humano, lhe causa o “[...] sentimento de sua profunda nulidade, o sentimento de não ser mais do que uma criatura [...]”⁸ Ou seja, o ser humano é colocado diante da realidade, tendo realçadas a sua insuficiência e a sua finitude. Diante desse dado, muitas são as reações possíveis: alguns se agarram à vida com atitudes que pretendem negar a morte (a absolutização de coisas provisórias, tais como riqueza, trabalho etc.); outras se fiam nas promessas religiosas da vida eterna ou de uma continuidade metamorfoseada de seu eu noutras formas de vida, ou seja, numa continuidade do “eu” em outros planos de existência. Isso faz com que a experiência

⁷ O filme recebeu seis indicações para o Oscar, tendo alcançado duas delas, já a reportagem original do jornal “The Boston Globe” o Prêmio Pulitzer de Serviço Público em 2003 (Vide: THE PULITZER Prize. The 2003 Pulitzer Winner In Public Service. Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/winners/boston-globe-1>>. Acesso em 07 de Janeiro de 2009.

⁸ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 14.



religiosa, em todos os seus aspectos, desperte o interesse da reflexão filosófica, o que ocorre, segundo o filósofo *Luc Ferry*, porque a filosofia tem também uma finalidade “salvífica”⁹. Em sua argumentação, para a filosofia:

[...] essa salvação deve vir não de *Outro*, de um Ser “transcendente” (o que quer dizer “exterior e superior” a nós), mas na verdade, de nós mesmos. A filosofia deseja que encontremos uma saída por nossas próprias forças, pela via da simples razão, se pelo menos conseguirmos usá-la como necessário: com precisão, audácia e firmeza¹⁰.

As abordagens sérias ao fenômeno religioso esforçam-se em equilibrar suas análises entre esses dois eixos perpendiculares: a consideração dos aspectos espirituais e dos aspectos materiais da vida religiosa, tecendo considerações para uma exata relação entre as dimensões horizontal e vertical.

Na era da ansiedade e da depressão¹¹, parece que a incerteza¹² – companheira comum do sujeito humano – tem gerado novas fobias que resultam, entre outras coisas, na busca por segurança nas religiões. Nesse sentido, os estudos psicológicos e filosóficos coincidem, agregando outro elemento à forma como se investiga a religião: uma abordagem descritiva que equaciona a religião a categorias de ansiedade/alívio ou, simplesmente, pergunta/resposta. Dito de outro modo, os parâmetros usados para análise da autenticidade da religião não são mais categorias de certo/errado ou de bem/mal, mas, sim, se elas produzem nos indivíduos alívio ou ansiedade; se elas não apenas propõem perguntas, mas também se constituem em respostas às perguntas fundamentais da existência.

Portanto, toda investigação sobre as religiões necessita considerar também a forma como elas próprias se compreendem: qual é a imagem que têm de si mesmas? O trato com fiéis de diversas religiões revela-nos que, de modo geral, elas se compreendem não apenas como pergunta, mas como resposta às necessidades humanas. Nos exemplos de devoção acima, a senhora está saldando uma dívida porque acredita, sinceramente, que a cura de seu neto tem a ver com a promessa feita à santa naquele lugar. A comerciante acredita que não entregou todos os seus bens em vão, pois, segundo seu depoimento, na igreja ouvia “[...] mensagens positivas, de esperança, prosperidade. Tinha muitos depoimentos de gente que falava que tinha saído de crise, gente que dizia

9 Luc Ferry defende bem essa concepção da “finalidade salvífica da filosofia” e, de modo análogo, o filósofo André Comte-Sponville (*O Espírito do Ateísmo*. São Paulo: Martins Fontes, 2007). Porém, essa é uma concepção bastante questionável, sobretudo pela fragilidade de seu pressuposto, a partir da análise da filosofia antiga, correntes helenísticas. Para uma compreensão mais substancial desse assunto, sugerimos a leitura das análises do filósofo Pierre Hadot (*Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014).

¹⁰ FERRY, Luc. *Aprender a Viver: filosofia para novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 28.

¹¹ A expressão ‘era da ansiedade’ popularizou-se a partir das análises sobre o século XX, sobretudo após a Segunda Grande Guerra. O psicólogo existencial Rollo May dedicou uma obra à análise desse problema, *The Meaning of anxiety* (O Significado da Ansiedade), publicado em 1950. Quanto à depressão, os relatórios da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que, até 2020, ela estará em segundo lugar entre as doenças que mais afligem a humanidade. Vide o link <http://www.who.it/mental_health/management/depression/definition/en>.

¹² Rollo May chama essa incerteza de “insegurança ontológica” (O Homem à Procura de Si Mesmo. Petrópolis: Vozes, 1992) e Tillich conclui que é um dado inerente de nossa “condição de contingência” (*Coragem de Ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972).



que devia à igreja tudo o que tinha"¹³, o que, somado à situação desesperadora em que se encontrava, convenceu-a de que o sacrifício feito resultaria na bênção divina¹⁴.

Mesmo nas abordagens que consideram a bidimensionalidade do fenômeno religioso e que não investigam munidas de categorias de certo/errado, mas, sim, ansiedade/alívio e pergunta/resposta, os enigmas fundados sobre as contradições que engendram em nosso mundo não se elucidam plenamente. Essas abordagens ainda não respondem à questão: por que aquilo que, em tese, se fundamenta na existência do *Summum Bonum* (lat. bem supremo) dá oportunidade ao sofrimento, à dor e à prática da violência contra aqueles que a ela se entregam? Será justificada ainda a existência das religiões que se fundamentam no sagrado e que têm por objetivo a salvação, quando nos deparamos, em seu meio, com tão numerosos casos indignos de se revestirem do nome divino?

Nos ambientes teológicos ou apenas religiosos de caráter cristão, a tendência é justificar a existência das religiões sob a égide da “Providência”. Contudo, mesmo uma leitura desprentensiva das Escrituras cristãs é capaz de contradizer essa atitude, pois, em vez de justificar as religiões, a Bíblia ilumina o caráter condenável daqueles que se justificam por elas. Tomemos como exemplo aquilo que o apóstolo São Paulo escreveu aos cristãos de Roma.

Porque o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou. Sua realidade invisível – seu eterno poder e sua divindade – tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpas (Ro 1, 19-20)

Ainda que tenham uma aplicação polêmica imediata contra os cultos orgiásticos da religião politeísta romana, esses versos indicam que, independentemente, qualquer forma de prática religiosa não se justifica pela vontade divina, pois Deus deixara sinais de si, de seu poder e sabedoria na natureza e que, se tivéssemos uma vontade reta, bastaria nos alinhar com a natureza para viver segundo a sabedoria de Deus. Paulo conclui esses versos com uma negativa contundente, “somos indesculpáveis diante de Deus”¹⁵, de maneira que um elemento a ser introduzido nessa análise seja uma reflexão acerca da vontade, talvez até uma “teoria da vontade humana” aplicada à abordagem compreensiva do mal dentro das religiões.

De modo análogo, a própria aceitação da origem divina da mensagem cristã resulta de um ato da vontade. Jesus chegou a ensinar que é “[...] necessário ter vontade de fazer a vontade do Pai [...]” (Jo 7, 17), quer dizer, é necessário querer fazer a vontade de Deus, aceitando que ela é o melhor para si e para humanidade, para, então, poder receber e reconhecer como divinas a mensagem e a pessoa do mensageiro (Jesus). Por essa razão, a Bíblia tem mais a nos dizer sobre

¹³ MORI, Leticia. Gaucha vence na Justiça Batlaha Contra Para Recueprar os Bens Doados à Igreja Universal. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portugues/brasil-43325773>>. Acesso em 21 de Dezembro de 2018.

¹⁴ O caso dessa comerciante teve surpreendente reviravolta, pois ela se arrependeu de seu ato, processou a Igreja Universal do Reino de Deus e, depois de uma longa batalha judicial, conseguiu que a justiça decretasse a devolução de seus bens e volumosa indenização (Vide o artigo no link supra).

¹⁵ No centro desse problema, só há uma solução possível, aquele que parte da vertical e não da horizontal. A doutrina bíblica da graça é a resposta, porém essa é a solução teológica que pretendemos evitar, já que nos interessa o que a religião faz de nós e o que nós fazemos da religião, o elemento “charismático” pretende dizer o que Deus faz em nós e por nós.



a condição humana do que propriamente sobre a religião, indicando talvez que a própria religião não seja mais do que uma consequência dessa mesma condição.

Ao tratar de nossa condição, os escritos paulinos são muito esclarecedores. O apóstolo dos gentios discorre sobre como vive a nossa espécie “[...] satisfazendo as vontades da carne [...]” (Ef, 2, 3) e fazendo-se em inimigos de Deus (cf. Rm 8,7). De modo análogo, a outros poderes (gr. *exousia*) – palavra usada pelos judeus helenistas e primeiros cristãos para se referir aos seres angelicais – cuja vontade virou-se em inimizade (eterna) contra Deus, Paulo se refere como “demoníacos” (Cf. Cl 1,13.2,15 e 1Co 10,20). Esse assunto interessa à presente análise, na medida em que identifica a relação de nossa condição conflituosa com o demoníaco, pois colocam os homens contra Deus e também uns contras os outros, causando sofrimento para a humanidade.

O missiólogo alemão Walter Freytag (1899-1959) argumenta que esse é um dado negligenciado nas abordagens acerca das religiões. Ele denomina a isso por “fator demoníaco” de todas as religiões. Como ele define esse fator? “Segundo sua constituição, trata-se de um poder sobre-humano que se encontra num relacionamento pervertido com Deus. É uma vontade, mas uma vontade má e destrutiva”¹⁶.

Freytag trabalha com o conceito demoníaco na perspectiva cristã. Essa “vontade má e destrutiva” é, sim, uma entidade pessoal e “sobrenatural” que atua na natureza. O historiador britânico Jeffrey Burton Russel descreve esse conceito do Diabo (Lúcifer, de acordo com uma interpretação tradicional que afirmar que o arcanjo pretendeu colocar-se no lugar de Deus) da seguinte forma:

A parte essencial do conceito é que uma força real é ativamente presente no Cosmos que urge o mal. Esta força má tem um centro de intenções que ativamente odeia o bem, o Cosmos e todo indivíduo no Cosmos. Nos estimula a odiar o bem, o Cosmos, outros indivíduos e a nós mesmos¹⁷.

Conclui-se que essa entidade está em constante rebelião contra Deus e contra as criaturas; a tradição cristã o tem chamado de “o Diabo”, e considera que ele exerce influência sobre as pessoas para que se pervertam até mesmo nos mecanismos bem-intencionados de aproximação do homem com Deus.

O Fator Anthro-Demoníaco: Caracterização

Como observado, o fator demoníaco das religiões remete a causa de toda perversão das relações com Deus a um centro de intenções (vontade) sobrenatural. A nossa proposta é que a análise da perversão do cenário das religiões seja realizada em uma perspectiva menos ambiciosa, não abandonando a ideia da prevalência da vontade sobre o agir, mas, sim, refletindo sobre como a vontade humana, em assenhorear-se do outro sem estar disposto a relacionar-se substancialmente com o outro, radica-se na ambição luciferiana – considerando a interpretação

¹⁶ FREYTAG, Walter. O Fator Demoníaco das Religiões: Um Fator Esquecido nas Discussões Sobre as Religiões. In: SAUTTER, G. (Ed.) *New Age: a Nova Era à Luz do Evangelho*, São Paulo/Paraná: Vida Nova/Esperança, 1992. p. 11.

¹⁷ RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: o Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003. p. 294.



tradicional na qual o arcanjo pretendeu colocar-se no papel de Deus – pela qual, ao colocar-se no papel de Deus, o homem se torna o demônio do homem. Nesse caso, temos um poder humano que se estabelece em um relacionamento pervertido com Deus, uma vontade má e destrutiva que leva o sujeito a destruir os outros e destruir a si mesmo; a esse fato chamaremos de o fator “anthropo-demoníaco” de todas as religiões.

Talvez seja importante frisar que nossa proposta não é uma negação daquela posta por Freytag. Como já fora apontado, constitui-se num olhar sobre o problema que não recorre imediatamente ao conceito de “vontade sobrenatural” – embora no campo metafísico seja um conceito lógico, plausível e justificável –, mas que remete àquilo que nos é mais imediatamente constatável, o ato volitivo de um sujeito concreto, um humano como todos nós. Daí a denominação do fator começar pela palavra grega *anthropos*, cujo significado é *humano*.

Acompanharemos os elementos conceituais propostos por Freytag, a partir das quatro afirmações com as quais caracteriza seu conceito, porém as aplicando ao que poderíamos chamar de causa eficiente – emprestando a linguagem aristotélica –, ou seja, às pessoas que praticam a perversidade na esfera da vida religiosa.

1 – A religião é, *per si*, uma forma de dominar os homens. É natural à religião a imposição de um conjunto de normas e regras que visam a pôr freios a uma variedade muito ampla de atitudes humanas consideradas reprováveis a certos pontos de vista (aqui em especial, o ponto de vista da moral religiosa). O agir religioso é um agir heterônomo, ou seja, as normas de ação são postas “de fora” ao indivíduo que as deve seguir (exceto, talvez, para aqueles que fundaram uma nova religião). As normas em si preexistem à sua presença e continuam por tempo indefinido após o sujeito deixar de existir. Pode ser dito que isso não é um mal em si, pois outras instâncias têm semelhança com a religião no que tange a essa questão (a vida em sociedade, de um modo geral, resume-se a isso). Se há comum acordo na aceitação das normas e se possibilita uma melhor convivência entre os membros, talvez valha a pena abrir mão de certa parte de nossa liberdade. Pode-se argumentar que esse seja um típico caso de “aceitar um mal menor para evitar um mal maior” – observemos que tudo dito até aqui é hipotético –, embora essa característica da religião possa dar ensejo ao fator aqui conceituado.

De acordo com Jüngel¹⁸, a condição humana tem muitas nuances. Ele destaca dois de seus traços básicos que nós temos considerado muito propícios para o florescimento do fator anthropo-demoníaco. São eles: a necessidade de ser operante (ativo) e a necessidade de ser reconhecido naquilo que opera, isto é, encontrar um interpelante. Talvez, quando se participe de determinada religião, a tendência seja de desenvolver capacidades (alguns diriam “dons” e/ou “talentos”), resultando em mais participação e reconhecimento público.

As religiões de modo geral ensinam que devemos estar abertos para o outro e que é necessário reconhecer que, embora tenhamos participação nas realizações, o mérito maior é das “forças espirituais” que atuam por meio de nós. Todavia, há pessoas que se deixam dominar por uma espécie de vontade de si. Elas agem “sobre os outros” e, não, “com os outros”, pois estão

¹⁸ JÜNGEL, Ernest. O Homem que Corresponde a Deus. Trad. Carlos Lopes de Matos e Martinho Krohling. In: GADAMER, H-G., VOGLER, P. *Nova Antropologia: o Homem em sua Existência Biológica, Social e Cultural*. Vol. 6. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.



fechadas para o próximo. Essas pessoas reduzem as relações a si mesmas, numa tentação “luciferiana” em ser adoradas como se elas fossem Deus. Envaidecem-se de suas realizações, esquecendo-se de que, sob o ponto de vista da maioria das religiões, não é por sua virtude própria que as realizam. Querendo ser Deus, já não se dispõem em servir a Deus – pois o serviço de Deus consiste em servir à humanidade, à criação e à vida. Procuram servir-se das pessoas, assenhorear-se delas. Essa característica do fator antropo-demoníaco resulta em uma incapacidade de relacionar-se de modo humano, objetificando todos ao seu redor. Assim, o indivíduo, nessa condição, posta-se como “senhor absoluto” das vidas daqueles que o procuram em busca de conforto e alívio espiritual. Ao se colocar como Deus, ele não percebe que perde o senhorio até de si mesmo, pois passa a ser dominado por suas paixões mais vis e mesquinhas e não hesita em causar sofrimento aos outros para se satisfazer.

Em tudo isto, constatamos que, quando o humano se coloca no papel de Deus, ele se torna o demônio dos homens.

2 – A aparência ou conhecimento do bem pode ocultar um apego ao mal. Quando se verifica o conjunto dos ensinamentos das grandes religiões, é possível confirmar a riqueza de sabedoria e de valores elevados no que tange à exortação para a prática do bem.

Todavia, o fator antropo-demoníaco, nesse caso, consiste em aprender esses valores do bem e os dominar com a finalidade de autoafirmação, ocultando não apenas maus pensamentos, mas o próprio mal que se pratica de modo velado e/ou nas “entrelinhas” da atividade religiosa. Contrariando certo Sócrates platônico, o conhecimento do bem não implica necessariamente que a pessoa seja boa, de maneira que se pode usar o conhecimento do bem para dissimular as mais atroz práticas do mal. Por exemplo, pregar um belo sermão sobre “amarás o teu próximo” e espancar os filhos em casa; transmitir a mensagem inspirada e trair seu cônjuge; ajudar no tratamento e cura de enfermos e abusar dos mais fracos e debilitados.

Nas religiões, o discurso e a prática do bem precisam estar alinhados. Todavia, quando o fator antropo-demoníaco está em vigor, a pessoa tende a discursar mais constantemente sobre o bem para ocultar o quanto está aprisionada no mal. Muitos que assim agem, talvez o façam de modo inconsciente.

3 – O fator antropo-demoníaco pode se mimetizar¹⁹ de vitórias divinas. Há quase um consenso entre os intelectuais de que vivemos num mundo “desencantado”²⁰. A força que Weber imprimiu ao conceito deriva não tanto da teorização em si, mas da percepção contemporânea de que o mundo está “vazio de deuses”. Porém, esse é “consenso” da intelectualidade e, muitas vezes, impingido ao corpo estudantil, parece com um belo, mas frágil castelo de cartas.

¹⁹ Nesse ponto, Freytag diz do fator demoníaco que ele celebra, ou comemora as vitórias divinas. Adotamos a ideia de que o fator antropo-demoníaco “mimetiza” essas vitórias, pois esse é um traço característico do maligno, de acordo como uma demonologia tradicional, imitar a Deus, dado que inspirou os apologistas cristãos a chamar ao Diabo, *Simius Dei*, o Imitador de Deus.

²⁰ Por mundo desencantado, referimo-nos à crescente perda da percepção do sagrado no mundo contemporâneo, teorizada, em especial, por Max Weber (1864-1920), que identificou, como principais causas do fenômeno, a racionalização e a secularização do mundo, sobretudo a partir da Revolução Industrial.



Em visita a um terreiro de candomblé, é difícil não estremecer ante o transe dos filhos e filhas de santo ao som ritmado dos atabaques; ao participar de uma sessão espírita é improvável que não se deixe tocar pela verossimilhança da comunicação de um ente querido cujos pés já cruzaram os portais da morte; em um banco de uma igreja pentecostal, habitualmente somos impressionados com a “língua dos anjos” que revelam aquilo que se passa em nossas vidas e no fundo de nossos corações. Curas milagrosas são alvos de dúvidas e de escárnios, mas ainda há muitos que as testemunham, seja em ambientes assépticos das “mesas brancas”, seja em tumultuosos eventos evangelísticos, seja, até mesmo, sinistros da bruxaria. Claro que podemos buscar diversas explicações para todos esses fenômenos, mas dificilmente poderemos negar, eficazmente, que eles subsistem devido à presença do poder e do fascínio que o sagrado – o divino – exerce sobre nossa espécie, de modo que talvez devamos concordar com o aforismo do filósofo milesiano Tales, “tudo está cheio de deuses”.

Somos incapazes de demonstrar, peremptório e absolutamente, a inexistência da dimensão espiritual, haja vista que, ao menos aparentemente, ela se dê a conhecer para cada um de nós em vários momentos da vida. Se considerarmos possível que, havendo um Deus, Ele realize milagres, por que não podemos considerar possível que outros entes espirituais também ajam entre nós? Por que descartar como ilusão, delírio ou obtusidade milhares de anos de relatos, nas mais variadas civilizações, da ação de seres que chamaríamos sobrenaturais, anjos e demônios, devas e numes?

No entanto, haja vista as ações sobrenaturais de curas e de prodígios, o fator anthropo-demoníaco pode estar em plena vigência. Muitas vezes, é a presença do miraculoso que cega o indivíduo para o seu estado de miserabilidade. Ele presume que os atos milagrosos ocorrem por meio de suas mãos, mesmo estando manchadas de sangue e seu coração maculado pelo mal. De alguma forma, ele ainda é um aprovado por Deus ou nem mesmo está submetido ao juízo divino, visto que se considere alguém de elevada espiritualidade e a quem as regras do jogo não se aplicariam.

4 – O poder do fator anthropo-demoníaco é também poder de Deus. A mentalidade cristã expressa na doutrina da onipotência divina, parece confirmar que não há verdadeiro poder agindo neste mundo, senão o poder de Deus. Deus é a fonte de todo poder.

Tomemos o exemplo do conhecimento do bem. Esse conhecimento com o qual o homem esconde o mal tem origem em Deus; o poder espiritual atuante em quaisquer ambientes religiosos também provém de Deus. O aspecto mais problemático do fator anthropo-demoníaco é que ele usa do poder de Deus contra Deus.

Poucas coisas são tão evidentes quanto o fato de que inúmeras vezes nós usamos nossas próprias qualidades e capacidades contra nós e contra nossa espécie: a tecnologia contra a natureza; a engenhosidade contra a vida; a associabilidade contra a liberdade; a confiança contra a dignidade. Ao usarmos esse poder contra a boa criação de Deus, usamo-lo também, de certa forma, contra o próprio Deus.

A “parábola do filho pródigo”²¹ ilustra bem a condição daquele que gastou todos os talentos que recebeu de seu pai ao ponto de arruinar a si mesmo. Lembremos que, na parábola, o pai não fica impassível, mas sofre enquanto aguarda o retorno do filho. Ou seja, a ruína do humano

²¹ Cf. Lc 15,3-32.



tipifica a ruína do divino, pois nossa humanidade é também o lugar do divino. O filho usa os poderes dados por Deus contra Deus. E quando ele faz isso? Quando os usa contra seu próximo e contra si mesmo.

Freytag usa como exemplo um homem casado que confessa ter um relacionamento sexual com outra mulher, convencido de que, entre eles, ocorre um verdadeiro amor. Sua convicção resulta “[...] no fato de que aqui uma possibilidade dada por Deus é vivida com toda a intensidade entre duas pessoas; e o pecado está no fato de esta força dada por Deus ser exercida contra Deus”²².

Aqui temos a mais insidiosa característica do fator anthropo-demoníaco. Se a tentação luciferiana consiste em assumir o papel de Deus, encontramos, no núcleo satânico, desse fator o uso do poder de Deus contra Deus.

À Guisa de Conclusão

O longo percurso nos conduziu até outra margem do problema inicial, ou seja, iniciamos pela busca das razões pelas quais, no interior das religiões, muitas pessoas, sobretudo aqueles que estão em posição de destaque, praticam os atos mais vis. Nesse contexto, questionamos a validade contemporânea das religiões, já que, aparentemente, muitas delas não alcançam seu objetivo de promover o bem. Debruçamo-nos sobre a teoria teológica de Freytag, o “fator demoníaco das religiões” e, a partir dessa teoria, desdobramos uma reflexão filosófica sobre o papel da vontade humana que é capaz de fazer com que o humano seja o demônio para seu semelhante (a isso chamamos de “fator anthropo-demoníaco das religiões”). Essa margem, de certa forma, também integra uma reflexão metafísica.

Contudo, em vez de nos orientar apenas por essa dimensão, colocamos a pergunta no plano da ética, pois, afinal, ainda que consideremos um princípio transcendente que influencie e tente os religiosos para a prática do mal, não podemos desconsiderar que eles não são autômatos, que mantêm sua liberdade em todas as suas ações e que podem escolher desde antes do primeiro abuso e desde antes da primeira violência. Eles puderam escolher fazer a coisa certa, respeitar as almas fragilizadas que lhes procuraram e preservar a dignidade das pessoas que neles confiavam e que, muitas vezes, os cercavam de bens. Todavia, eles escolheram ser o demônio dos homens e em forma de homem.

Todas as religiões podem dar ocasião ao fator anthropo-demoníaco, mas também podem dar ocasião ao amadurecimento do humano, valorizando sua dignidade e proporcionando fundamento e orientação para que, mesmo dentro de suas limitações, venha a viver de modo a expressar solidariedade para com seus semelhantes e para com toda a natureza. Esta é a essência da mensagem do Nazareno, tão bem vivida e expressa na oração do santo de Assis.

“Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor; Onde houver ofensa, que eu leve o perdão; Onde houver discórdia, que eu leve a união; Onde houver dúvida, que eu leve a fé; Onde houver erro, que

²² FREYTAG, Walter. O Fator Demoníaco das Religiões: Um Fator Esquecido nas Discussões Sobre as Religiões. In: SAUTTER, G. (Ed.) *New Age: a Nova Era à Luz do Evangelho*, São Paulo/Paraná: Vida Nova/Esperança, 1992. p. 16.



eu leve a verdade; Onde houver desespero, que eu leve a esperança; Onde houver tristeza, que eu leve a alegria; Onde houver trevas, que eu leve a luz”.

“Ó Mestre, fazei que eu procure mais Consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdoadando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna”²³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional / Paulinas, 1992.

CAVALCANTE, Isabella. *Movimento #MeTooGuru Denuncia Abuso de Monges e Mestres Budistas*: o Dalai Lama, Maior Autoridade do Budismo Tibetano, Afirmou Ter Conhecimento dos Casos. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/movimento-metoooguru-denuncia-abusos-de-monges-e-mestres-budistas>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2018.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan Petru. *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EXAME. *Mulheres Acusam Médiun João de Deus de Abuso Sexual*. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/mulheres-acusam-medium-joao-de-deus-de-abuso-sexual/>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2018.

FERRY, Luc. *Aprender a Viver*: filosofia para os novos tempos. Trad. Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FREYTAG, Walter. O Fator Demoníaco das Religiões: um fator esquecido na discussão sobre as religiões. Trad. Markus A. Hediger. In: SAUTTER, G. (Ed.). *New Age*: a nova era à luz do Evangelho. São Paulo/Paraná: Vida Nova/Esperança, 1992.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Discípulos Acusam Guru Espiritual Prem Baba de Abusar de Mulheres*. Assessoria nega; líder diz que manteve relações sexuais e anuncia recolhimento. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/discipulos-acusam-guru-espiritual-prem-baba-de-abusar-de-mulheres.shtml/>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2018.

²³ SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Oração de São Francisco. Disponível em: <<https://carismafranciscanos.org.br/oracao-de-sao-francisco.html>>. Acesso em 08 de Janeiro de 2019.



JÜNGEL, Ernest. O Homem que Corresponde a Deus. Trad. Carlos Lopes de Matos e Martinho Krohling. In: GADAMER, H-G., VOGLER, P. *Nova Antropologia: o Homem em sua Existência Biológica, Social e Cultural*. Vol. 6. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.

MORI, Letícia. *Gaucha Vence na Justiça Batalha Para Recuperar Bens Doados à Igreja Universal: 'Lavagem Cerebral'*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portugues/brasil-43325773>>. Acesso em 21 de Dezembro de 2018.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Ariana Grande é Apalpada por Pastor Durante o Funeral de Aretha Franklin*. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,ariana-grande-e-apalpada-por-pastor-durante-funeral-de-aretha-franklin,70002482600>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2018.

RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: O Diabo na Idade Média*. Tradução de Jorge Luiz Serpa de Oliveira. São Paulo: Madras, 2003.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *Oração de São Francisco*. Disponível em: <<https://carismafarnciscanos.org.br/oracao-de-sao-francisco.html>>. Acesso em 08 de Janeiro de 2019.

THE PULITZER PRIZE. *The 2003 Pulitzer Prize Winner In Public Service*. Disponível em <<https://www.pulitzer.org/winners/boston-globe-1>>. Acesso em 07 de Janeiro de 2019.

VEJA. *Influente Monge Budista Chinês é Acusado de Abuso Sexual: Shi Xuecheng Teria Coagido Monjas a terem Relações Sexuais Com Ele; Por Meio de Mensagens de Texto, Como Aprendizado de Técnicas de 'Purificação'*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/influente-monge-budista-chines-e-acusado-de-abuso-sexual/>>. Acesso em 22 de Dezembro de 2018.

Recebido em: 10/03/2019

Aprovado em: 17/06/2019